

EU NÃO PRECISO LER JORNAIS, MENTIR SOZINHO EU SOU CAPAZ

Raul Seixas já nos avisou, e nós compartilhamos sem ler

Ainor Francisco Lotério

Filósofo, teólogo, agrônomo e agrosofista

RESUMO

Este ensaio parte de um verso da canção Cowboy Fora da Lei, de Raul Seixas e Claudio Roberto, gravada em 1987, para examinar a condição do sujeito contemporâneo diante das redes sociais. O verso original, eu não preciso ler jornais, mentir sozinho eu sou capaz, era em 1987 a ironia de quem recusava o heroísmo público. Quatro décadas depois, bastaria substituir jornais por redes sociais para que a ironia se converta em diagnóstico. Argumenta-se, à luz da Agrosofia e do conceito de Inteligência Orientada, que o ato de compartilhar não é transmissão, mas multiplicação, e que quem lança a semente responde pelo que dela brota, independentemente da intenção com que a lançou.

Palavras-chave: verdade; desinformação; responsabilidade; Agrosofia; Inteligência Orientada.

INTRODUÇÃO

Escrevo este texto não como quem acusa, mas como quem se examina. Ouvi novamente uma canção antiga e percebi que ela não falava do passado, falava de mim, falava de nós, falava do gesto pequeno e repetido que fazemos todos os dias sem medir o que ele planta. Não escrevo contra ninguém. Escrevo contra o descuido, e o descuido, eu bem sei, começa dentro de casa.

A canção que motiva estas linhas foi gravada em 1987 e é o último grande sucesso da carreira solo de Raul Seixas. A letra, assinada com Claudio Roberto, começou a tomar forma ainda em 1973, num rascunho que o compositor guardou por mais de uma década. Ela não profetizava a internet. Apenas foi honesta sobre a condição humana, e a honestidade sobre a condição humana envelhece sempre para a frente.

1 O VERSO QUE ENVELHECEU PARA A FRENTE

Em 1987, Raul Seixas cantou um verso que soava como piada. Eu não preciso ler jornais, mentir sozinho eu sou capaz. Hoje bastaria trocar uma palavra. Eu não preciso ler redes sociais, mentir sozinho eu sou capaz. O deboche virou diagnóstico.

Cada um virou repórter de si mesmo. Não precisamos do jornal porque temos o polegar, e o polegar publica. Não precisamos da apuração porque temos a indignação, e a indignação já se basta como prova. Compartilhar é um verbo perigoso, porque quem compartilha não transmite, multiplica. E multiplicar é fermento. O fermento não escolhe a massa. Cresce na verdade e cresce igualmente na mentira.

A Agrosafia me ensinou que a semente não pede autorização ao solo. Encontra terra, umidade e calor, e germina. Quem lança a semente responde pelo que brota. Não adianta dizer depois que a intenção era outra, que só passou adiante. A intenção não desfaz a colheita.

2 NINGUÉM QUER SER PREFEITO, TODOS QUEREM SER TRIBUNAL

Raul dizia que não era besta para tirar onda de herói. Essa é a inversão do nosso tempo. Ninguém quer o peso de governar, mas todos querem a autoridade da sentença. Eu servi à pátria amada como Prefeito de Camboriú, e sei o que custa uma decisão assinada. Custa noites. O julgamento compartilhado não custa nada, e é por isso que ele é tão abundante.

Onde está a verdade, então. Não está no volume, porque o mentiroso grita mais. Não está na velocidade, porque a mentira sempre chega primeiro, ela não precisa se vestir. Não está no número de compartilhamentos, porque a multidão já condenou o inocente muitas vezes na história. A verdade está no silêncio de quem espera antes de falar, e na coragem, mais rara que a de acusar, de apagar o que se publicou e dizer, eu errei.

Agostinho, ao tratar da mentira, recusou-lhe qualquer licença, mesmo a piedosa. Hannah Arendt, séculos depois, mostrou que a mentira organizada não busca convencer, busca destruir no ouvinte a própria faculdade de distinguir. Entre um e outro há a mesma advertência. Quem se acostuma a repassar o que não verificou perde, primeiro, a capacidade de verificar. Depois, perde o desejo.

3 QUEM CARREGOU A MADEIRA

Existe um espaço entre o estímulo e a resposta, e nesse espaço mora a liberdade humana. É a isso que chamo Inteligência Orientada. A publicação apressada é a renúncia a esse espaço. Mentir sozinho eu sou capaz, sim, todos somos. A questão é se somos capazes de calar sozinhos, de verificar sozinhos, de recuar sozinhos quando nenhuma curta recompensa o recuo.

Cristo foi julgado por uma multidão que estava certa de si. Todos ali sabiam alguma coisa, todos tinham ouvido de alguém, todos repassaram o que ouviram. O resultado daquela cadeia de compartilhamentos, cada um pequeno, cada um sem culpa isolada, foi uma cruz. Raul temia morrer dependurado numa cruz. Deveríamos temer mais estar entre os que carregaram a madeira sem saber para quem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deixai a mentira e falai a verdade, cada um com o seu próximo, pois somos membros uns dos outros, escreve o Apóstolo aos Efésios. Somos membros uns dos outros também na rede, e é justamente por isso que ali a palavra pesa. Não precisamos ler jornais nem redes sociais. Precisamos de algo mais difícil. Precisamos ler a nós mesmos antes de escrever sobre os outros.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Sobre a mentira*. In: *Obras completas*. Madri: BAC, 1954.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2016.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

COWBOY fora da lei. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Cowboy_Fora_da_Lei. Acesso em: 9 jul. 2026.

FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *A eternidade em nós*. Camboriú: edição do autor.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Paixão pelo cooperativismo*. Camboriú: edição do autor.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Um minuto de inspiração*. Camboriú: edição do autor.

SEIXAS, Raul; ANDRADE DE AZEREDO, Claudio. Cowboy fora da lei. Intérprete: Raul Seixas. In: *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!* Rio de Janeiro: Copacabana, 1987. 1 disco sonoro, faixa 1.

NOTA SOBRE AS FONTES

As reflexões aqui reunidas nascem de textos, artigos e ensaios do autor, publicados nos portais www.ainor.com.br e www.loterio.com.br, onde os conceitos de Agrosofia e de Inteligência Orientada vêm sendo desenvolvidos ao longo dos anos.

Registre-se, para fidelidade histórica, que a canção começou a tomar forma em 1973, numa letra inédita intitulada Cowboy 73. Em 1984, Raul Seixas convidou Sylvio Passos, criador do primeiro fã-clube do artista, para aproveitar aquele refrão numa composição nova, gravada e não lançada, que veio a público somente em 2003 com o título *Anarkilópolis (Cowboy Fora da Lei Nº 2)*. Trata-se de obra distinta da canção de 1987, cuja autoria registrada é de Raul Seixas e Claudio Roberto. A leitura corrente que associa os versos sobre o prefeito assassinado ao destino de Tancredo Neves é interpretação de comentadores, não dado documentado, e como tal não foi incorporada à argumentação.

SOBRE O AUTOR

Aínor Francisco Lotério é filósofo, teólogo, agrônomo e agrosofista. Criador da Agrosofia, filosofia de vida que integra a sabedoria agrícola aos valores humanísticos, e do conceito de Inteligência Orientada. Diácono Permanente desde 2003, foi Prefeito de Camboriú, Santa Catarina, e dirigiu a extensão rural catarinense. É palestrante e autor de obras sobre família, longevidade, liderança e cooperativismo.

www.ainor.com.br | ainorfloterio@gmail.com | (47) 99967-5010